



Terapia assistida com animais para crianças *down* e autistas: revisão integrativa

Animal assisted therapy for down and autistic children: integrative review

Terapia asistida por animales para niños con síndrome de down y autistas: revisión integrativa

Isadora Tonin da COSTA¹  

Pietra Goldberg TROMBINI¹  

Rafaela PORTO Y CASTRO¹  

Jéssica LIMBERGER¹  

¹ Universidade de Passo Fundo – UPF, Faculdade de Psicologia – FP, Instituto da Saúde. Passo Fundo, RS, Brasil.

Correspondência:

Isadora Tonin da Costa
i.tonindacosta@gmail.com

Recebido: 28 out. 2024

Revisado: 23 jul. 2025

Aprovado: 19 dez. 2025

Aprovado para publicação:
27 mar. 2026

Como citar (APA):

Costa, I. T., Trombini, P. G., Porto y Castro, R., & Limberger, J. (2026). Terapia assistida com animais para crianças *down* e autistas: revisão integrativa. *Revista da SBPH*, 29, e017. <https://doi.org/10.57167/Rev-SBPH.2026.v29.757>.

Financiamento:

Financiamento próprio.

Conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesses.



Resumo

Sendo vital no crescimento humano, o desenvolvimento infantil é influenciado pelas condições ambientais e genéticas nos primeiros anos de vida, e assim a presença de animais desempenha um papel crucial, promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais, curiosidade cognitiva e competências de comunicação. A Terapia Assistida com Animais – TAA é uma intervenção direcionada baseada na interação entre animais e pacientes, monitorada por profissionais de saúde para melhorar a saúde física, emocional e social, utilizando uma variedade de espécies, como cães, gatos, cavalos, golfinhos, entre outros. Este estudo de revisão de literatura analisa as evidências dos benefícios terapêuticos da TAA em crianças com Síndrome de *Down* (Trissomia do Cromossomo 21) e Transtorno do Espectro Autista, considerando os impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social e conclui que embora seja benéfico e com resultados positivos, é necessário alcançar um consenso entre os pesquisadores da prática sobre instrumentos apropriados e formas padronizadas de terapia para fornecer evidências de maior qualidade em estudos adicionais.

Descritores: Terapia Assistida com Animais; Criança; Trissomia do Cromossomo 21; Transtorno Autístico.

Abstract

Being vital to human growth, child development is influenced by environmental and genetic conditions in the first years of life, and thus the presence of animals plays a crucial role, promoting the development of social skills, cognitive curiosity, and communication competencies. Animal-Assisted Therapy – AAT is a targeted intervention based on the interaction between animals and patients, monitored by healthcare professionals to improve physical, emotional, and social health, using a variety of species such as dogs, cats, horses, dolphins, among others. This literature review study analyzes the evidence of the therapeutic benefits of AAT in children with Down Syndrome (Trisomy 21) and Autism Spectrum Disorder, considering the impacts on cognitive, emotional, motor, and social development, and concludes that although it is beneficial and yields positive results, it is necessary to reach a consensus among researchers in the practice on appropriate instruments and standardized forms of therapy to provide higher-quality evidence in further studies.

Descriptors: Animal Assisted Therapy; Child; Trisomy 21; Autistic Disorder.

Resumen

Al ser vital para el crecimiento humano, el desarrollo infantil se ve influenciado por las condiciones ambientales y genéticas durante los primeros años de vida. Por ello, la presencia de animales desempeña un papel crucial, promoviendo el desarrollo de habilidades sociales, la curiosidad cognitiva y las competencias comunicativas. La terapia asistida con animales (TAA) es una intervención específica basada en la interacción entre animales y pacientes, supervisada por profesionales de la salud, para mejorar la salud física, emocional y social, utilizando diversas especies como perros, gatos, caballos y delfines, entre otros. Este estudio de revisión bibliográfica analiza la evidencia de los beneficios terapéuticos de la TAA en niños con síndrome de *Down* (trisomía 21) y trastorno del espectro autista, considerando sus impactos en el desarrollo cognitivo, emocional, motor y social. Concluye que, si bien es beneficiosa y produce resultados positivos, es necesario alcanzar un consenso entre los investigadores sobre los instrumentos adecuados y las formas estandarizadas de terapia para obtener evidencia de mayor calidad en estudios posteriores.

Descriptores: Terapia Asistida por Animales; Niño; Trisomía del Cromosoma 21; Trastorno Autístico.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é uma parte fundamental do desenvolvimento humano, visto que se destaca nos primeiros anos, por ser moldada a partir das influências do meio em que a criança vive e suas heranças genéticas, sendo um processo amplo e complexo bem esclarecido nas últimas décadas, incluindo a relação com os cuidados cotidianos e a influência do ambiente sobre ele (Mustard, 2009; Shonkoff et al., 2012). Desta forma, verifica-se que o desenvolvimento da criança raramente é observado nos atendimentos de saúde (Oliveira et al., 2013; Baratieri et al., 2014), e para que isso se altere, é indispensável a compreensão das peculiaridades da criança, assim como as condições ambientais favoráveis para o seu desenvolvimento e o entendimento dos seus cuidadores sobre as necessidades e características da infância, decorrentes do processo de desenvolvimento (Mello et al., 2014).

Os animais desempenham um papel fundamental na vida das crianças, oferecendo oportunidades para que elas explorem suas habilidades sociais, despertem a curiosidade cognitiva e emocional e desenvolvam suas habilidades de comunicação (Selly, 2014). O convívio das crianças com animais de estimação não apenas fornece apoio físico e emocional, mas também se revela crucial mesmo após traumas, tornando os animais seus melhores amigos e confidentes nos momentos de tensão emocional.

É importante ressaltar que os seres humanos podem desenvolver laços afetivos profundos com seus animais de estimação, e alguns animais também demonstram comportamentos de apego em relação aos seus cuidadores humanos. Embora a maioria das pesquisas sobre interação humano-animal até o momento tenha se concentrado em proprietários adultos, há uma crescente evidência de que os animais desempenham um papel significativo no desenvolvimento e no bem-estar das crianças, bem como de seus familiares adultos. Portanto, a presença desses animais na vida das crianças não deve ser subestimada, pois contribui de maneira significativa para seu desenvolvimento e bem-estar emocional (Wanser et al., 2019).

Influenciando positivamente a expressão emocional e o controle das crianças, assim como a capacidade de reduzir o estresse infantil, a integração de animais na educação das crianças é recomendada, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Diversas crianças e adolescentes estabelecem laços emocionais significativos com seus animais de estimação, o que tem suscitado um crescente interesse científico sobre o impacto da posse de animais na saúde e no desenvolvimento emocional das crianças e adolescentes.

Estudos revelam que as crianças que tiveram contato com animais durante a primeira infância apresentaram uma redução de 6% na probabilidade de desenvolver deficiências na expressão emocional na infância posterior, em comparação com aquelas que não possuíam animais de estimação. Essa evidência sugere que o contato com animais pode oferecer às crianças a oportunidade de desenvolver habilidades para o controle emocional e, consequentemente, reduzir a ocorrência de problemas na expressão emocional (Sato et al., 2019).

A relação dos animais em benefício aos seres humanos aparece nas civilizações desde antes de Cristo, o registro mais antigo dessa relação é de 12 mil anos atrás, onde foi descoberto um túmulo de uma mulher idosa enterrada segurando um filhote de cachorro (Dotti, 2014). Ao longo do tempo, se observa significativamente uma mudança da visão dos animais como apenas utilitários, se tornando amigos dos seres humanos, relação que permanece até os dias de hoje. O homem também começou a perceber que além da função afetiva, os animais poderiam contribuir na promoção de saúde.

De acordo com Dotti (2014), no século IX na Bélgica, pessoas com necessidades especiais foram autorizadas a cuidar de animais domésticos e este teria sido o primeiro registro do uso de animais dentro de um programa terapêutico. Esse mesmo autor aponta que a Terapia Assistida por Animais – TAA teria se originado no século XVIII na Inglaterra, no retiro de *York*, onde mantinham coelhos, falcões e aves domésticas nos pátios e jardins que os pacientes frequentavam pois acreditava-se que o contato com esses animais poderia despertar sentimentos de sociabilidade e benevolência.

Corrêa et al. (2020) corroboram citando outros autores que a partir da década de 1990, foram fundados os primeiros centros de atendimento de TAA e consequentemente pesquisas sobre este tema (Motti, 2007). Dentre diversas denominações adotadas ao longo do tempo, a TAA é caracterizada por possuir uma intervenção dirigida a um objetivo específico, na qual a troca entre animal e paciente é fundamental e integrante para o processo de tratamento, sendo monitorada e documentada por profissionais da saúde com o intuito de melhorar a saúde física, emocional e social do paciente. Essa terapia permite uma diversa variedade de enquadramentos em diversas faixas etárias e locais podendo ser realizada de forma individual ou em grupo, através da utilização das mais diversas espécies de animais que possam entrar em contato com seres humanos, desde que não lhe proporcionem perigo, como cães, gatos, cavalos, golfinhos, peixes, tartarugas, coelhos e burros (Kobayashi et al., 2009).

Para o animal poder trabalhar como um co-terapeuta na TAA, é necessário que passe obrigatoriamente por um protocolo médico, tendo a sua saúde avaliada e monitorada por um médico veterinário, além de ter que atender requisitos, como comportamento, obediência, socialização e aptidão, dos quais devem ser repetidos frequentemente para a liberação das visitas (Mota et al., 2021), além de serem higienizados e imunizados corretamente.

A TAA tem demonstrado resultados positivos especialmente com crianças e idosos, hospitalizados em diversas condições, facilitando a adaptação ao ambiente e reduzindo o trauma e a ansiedade da hospitalização (Reed et al., 2012). Os pacientes ficam mais motivados a socialização, comunicação, realizar exercício físicos, praticar hábitos saudáveis, sentindo-se mais confiantes, amparadas. O animal pode ser visto por uma criança como um amigo, ajudando-a a desenvolver sua independência e responsabilidade, servindo como fonte de amor infinito e lealdade, sem riscos de decepções, oferecendo apoio, e até consolo, para crianças que passam por conflitos familiares (Bueno & Oliveira, 2017). É fundamental o trabalho de uma equipe multidisciplinar capaz de escolher o método mais adequado a ser aplicado, acompanhando as atividades e o bem-estar dos animais e dos pacientes, que irá refletir no benefício real da qualidade de vida dos mesmos (Zamarra San Joaquín, 2002).

A terapia assistida por animais é contraindicada nos casos em que o paciente apresente alergias, problemas de respiração, medo de animais, feridas abertas, pacientes com baixa persistência, animais com zoonoses, e de pessoas com comportamento agressivo que possam machucar os animais (Ferreira & Gomes, 2017).

A TAA tem ganhado reconhecimento significativo ao redor do mundo por seus potenciais benefícios terapêuticos para crianças com diversas patologias, dentre elas a Síndrome de *Down* – SD e o Autismo. No entanto, a compreensão abrangente e atualizada sobre os efeitos terapêuticos dessa abordagem na infância é crucial para orientar práticas educacionais e de saúde eficazes e desta forma busca-se reunir e sintetizar a pesquisa existente para auxiliar educadores, terapeutas, profissionais de saúde e pais no desenvolvimento de intervenções eficazes, e para isso, objetiva-se analisar de forma abrangente e crítica as evidências científicas sobre os benefícios terapêuticos da terapia assistida com animais

para crianças com SD e Autismo na infância, avaliando os efeitos no desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social.

Diante dos benefícios observados da TAA no desenvolvimento infantil, este estudo propõe, ainda que de forma exploratória, a seguinte questão norteadora: quais são os efeitos terapêuticos da TAA no desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social de crianças com SD e Transtorno do Espectro Autista – TEA? Parte-se da hipótese de que a interação com os animais, mediada por profissionais capacitados, pode favorecer significativamente aspectos da socialização, da comunicação e da autorregulação emocional dessas crianças, ampliando suas possibilidades de inclusão e bem-estar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa, metodologia caracterizada por descrever, analisar e discutir um tema sob uma perspectiva teórica e contextual, permitindo uma compreensão ampla sobre determinado assunto. Conforme Rother (2007), esse tipo de revisão contribui significativamente para o debate científico ao levantar questões relevantes e colaborar com a aquisição e atualização do conhecimento em um curto espaço de tempo.

O presente estudo teve como objetivo revisar e sintetizar a literatura científica disponível sobre os benefícios da TAA em crianças com SD e com TEA. Para tanto, foram considerados estudos nacionais e internacionais que abordassem intervenções terapêuticas mediadas por animais, enfocando aspectos como melhora na comunicação, socialização, cognição e aspectos emocionais.

A estruturação da pesquisa envolveu a definição do tema, levantamento bibliográfico em bases de dados como SciELO, PubMed, Google Acadêmico, entre outros e utilizando descritores relacionados à TAA, SD, Autismo e crianças. Foram estabelecidos critérios de inclusão, como idioma em português, inglês e espanhol, período de publicação e foco nos benefícios da TAA. Após a triagem de títulos e resumos, os artigos selecionados foram lidos na íntegra e organizados para análise, síntese e interpretação dos dados relevantes ao objetivo do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OS EFEITOS DA TERAPIA ASSISTIDA COM ANIMAIS EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

De acordo com a Organização Mundial da Saúde – OMS (Ministério da Saúde [MS], s.d.), a SD não é considerada uma doença, mas sim uma alteração genética mínima que afeta a divisão celular do óvulo, ou que resulta em uma quantidade maior de cromossomos 21, onde a presença desse cromossomo adicional na constituição genética determina características físicas particulares e atraso no desenvolvimento, onde pessoas com essa característica podem viver uma vida saudável e ser totalmente incluídas na sociedade se receberem tratamento e educação adequada. Por esse motivo, a SD é considerada a primeira causa conhecida de incapacidade intelectual, representando aproximadamente 25% das pessoas com a síndrome. No Brasil, estima-se que ocorra 1 em cada 700 nascimentos, totalizando cerca de 270 mil pessoas com T21 (MS, s.d.).

A criança com SD tem uma série de características únicas, incluindo hiperflexibilidade das articulações, dificuldades na fala, atraso no desenvolvimento motor, retardo na aquisição

de marcos motores básicos e desenvolvimento motor lento, assim como problemas de tireoide, cardiopatia, visão, problemas neurológicos, exclusão social e medo (Mattos & Bellani, 2010). Uma das principais vantagens da relação estabelecida entre animais e crianças é a melhoria das habilidades de interação com o meio e com os outros, bem como a capacidade de trabalhar com elementos não verbais, pois elas têm a oportunidade de observar e interpretar a linguagem dos gestos, posturas e movimentos dos bichos por meio do contato com eles, onde as entrevistas realizadas mostram que aprenderam a manter a atenção e o equilíbrio (Vaccari & Almeida, 2007).

A noção de “normalização”, que visa adequar aqueles que não se encaixam nos padrões culturais predominantes da sociedade, continua sendo a base da educação especial. Historicamente, esse método levou à segregação de alunos com dificuldades em escolas e classes especiais com o objetivo de criar uma sensação de uniformidade nas salas de aula com o objetivo de alcançar um ensino de excelência. No entanto, a busca pela “pseudo-homogeneidade” tem feito com que seja mais difícil lidar com pessoas que se afastam muito da média das diferenças. Isso os leva a ser isolados e excluídos tanto dentro quanto fora do ambiente escolar (Brancher et al., 2019).

A hipotonia generalizada, que é a diminuição do tônus muscular e da força, o que causa moleza e flacidez corporal, é presente desde o nascimento e é uma das características principais da SD, afeta diretamente o desenvolvimento psicomotor e tende a diminuir naturalmente com o tempo, mas pode permanecer por toda a vida do sujeito. Os movimentos desorganizados são causados pela hipotonia muscular, que desbalanceia a força dos músculos (Barros, 2019), porém ao conduzir o cão com uma guia, o paciente deve ajustar a força necessária para controlar o animal, o que estimula a motricidade e envolve coordenação motora fina, organização do próprio corpo no espaço e lateralidade (Althausen, 2006; Janaína et al., 2017).

Desta forma, um estudo qualitativo-exploratório brasileiro, a partir das entrevistas com a professora e psicóloga responsável e com três pais das crianças que participaram do processo e buscou compreender quais eram os benefícios da cinoterapia na estimulação de crianças com SD desenvolvido na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, onde o trabalho realizado com cães teve um impacto significativo na aquisição da aprendizagem, pois promoveu o desenvolvimento de sentimentos positivos e a troca de afetos, permitindo o autocuidado, o cuidado com os outros, o aumento da autoestima e a autonomia, pois a criança sente-se motivada a cuidar de si ao cuidar do animal, melhorando seu sistema imunológico, facilitando o processo de ensino e aprendizagem, além de comunicar e estabelecer conexões (Hack & Santos, 2017).

Outro estudo de caso, relatado por Prianti e Cabanas (2007), ao qual realizou-se com um adolescente com SD, que em atendimento terapêutico utilizou-se como recurso de apoio a TAA com dois cães adestrados (Greta e Sharon), teve como objetivo, proporcionar condições de organização, independência, socialização e qualidade de vida. Em avaliação realizada foram identificadas as principais dificuldades que foram a base da proposta de intervenção psicomotora. A TAA teve papel preponderante como recurso de apoio, influenciando as tonicidades afetiva e motivacional. Na reavaliação, os resultados obtidos demonstram, em algumas áreas, como Esquema e Imagem Corporal, qualitativamente bom, sempre considerando os déficits característicos da SD; um progresso referente ao aspecto da sociabilidade, da colaboração. Observou-se defasagem em alguns aspectos psicomotores: esquema e imagem corporal, tonicidade, equilíbrio, dissociação de movimentos e lateralização. O tratamento foi uma das etapas, ressaltando-

se que há a necessidade de continuação do trabalho terapêutico a longo prazo, para que os avanços alcançados possam gerar e concretizar uma melhor qualidade de vida.

Diferentemente de um estudo com cães, um estudo quase-experimental realizado na Tailândia (Satiansukpong et al., 2016), visou analisar como o programa de TAA realizado com elefantes afetava o equilíbrio, o controle postural e a integração visual motora de um grupo controle de dezesseis crianças com SD entre seis e 12 anos, divididos voluntariamente em um grupo experimental e um grupo controle, onde o primeiro grupo recebeu o tratamento adicional chamado de *Thai Elephant-Assisted Therapy Programme for Children with DS* – TETP-D duas vezes por semana durante um período de dois meses. Após esse período, os resultados dos testes mostraram que não houve nenhuma diferença significativa no controle postural e no equilíbrio, porém houve uma diferença notável na integração visual motora entre os dois grupos de crianças com SD. Ainda, os autores enfatizam que se feito com frequência e por tempo suficiente, o programa tem o potencial de melhorar o controle postural e o equilíbrio, porém para verificar essa hipótese, seriam necessárias mais pesquisas (Satiansukpong et al., 2016).

Da mesma maneira, um estudo cruzado realizado nos Países Baixos (Griffioen & Enders-Slegers, 2014), buscou avaliar uma forma de intervenção com a TAA, desta vez com golfinhos, no desenvolvimento da fala/linguagem e no comportamento social em crianças com SD, e hipotetizou que a *Dolphin-Assisted Therapy* – DAT melhoraria as funções sociais e cognitivas em relação à verbalização e, assim, promoveria o desempenho das tarefas das 45 crianças. Desta forma, 18 receberam uma sessão semanal de uma hora de DAT durante seis semanas (grupo A), 12 crianças (grupo B) começaram com sessões de piscina (período de controle de seis semanas) e depois receberam DAT, e 17 crianças (grupo C) foram colocadas em lista de espera (perímetro de controle de seis semanas) antes de receberem DAT e reconheceu que houveram melhoras significativas na verbalização (aumento durante o período de acompanhamento de seis meses) e reconhecimento de pessoas, enquanto a impulsividade diminuiu, mostrando que o programa teve resultados benéficos e significativos, porém os autores enfatizam a necessidade de estudos adicionais para determinar se tais efeitos permanecem à longo prazo (Griffioen & Enders-Slegers, 2014).

Outro estudo de DAT, realizado na Alemanha (Breitenbach et al., 2009), buscou verificar se tal terapia seria uma intervenção terapêutica eficaz para crianças com deficiências sociais e de comunicação significativas, através da interação com os golfinhos, aconselhamento dos pais e um ambiente curativo e descontraído. Com três grupos controles, sendo o primeiro com apenas a interação com golfinhos, o segundo com animais de fazenda, que posteriormente foram substituídos por golfinhos e o terceiro que não recebeu tratamento, e assim resultou em um sucesso terapêutico nas áreas de linguagem produtiva e receptiva, processamento de sinais não-verbais, habilidades sociais e autoconfiança, onde os efeitos descobertos ocorreram independentemente de as crianças estarem ou não na água durante a terapia (Breitenbach et al., 2009).

Chaves e Almeida (2018), em seu estudo, afirmam que o método de equoterapia para crianças com deficiência mental melhora suas funções sociais e esfera mental, através de três casos de crianças com SD com idades entre sete e oito anos que foram reabilitadas por equoterapia e outras técnicas (exercícios físicos, natação e exercícios de fala) durante um período de um a três anos. Em todos os casos estudados, houve benefícios substanciais na reabilitação física, mental e social como resultado da incorporação da equoterapia em outras abordagens, onde acredita-se que as crianças com deficiência se mostram muito interessadas nestas aulas.

Da mesma forma, um estudo brasileiro teórico-prático (Santos, 2019) também examinou um caso de uma criança com SD com 10 anos que começou a fazer equoterapia na Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL na Granja do Torto, Brasília/DF. As sessões foram realizadas sete vezes por semana e duravam 45 minutos por dia. As sessões de teste de equilíbrio mostraram que os praticantes que possuem SD melhoraram significativamente, e diante desses resultados, pôde-se concluir que a equoterapia é fundamental para melhorar a capacidade motora e psicológica de pessoas com necessidades especiais. Portanto, o estudo concluiu que o cavalo e seus movimentos tridimensionais são muito úteis para melhorar a motricidade e desenvolvimento das pessoas com SD (Santos, 2019).

A TAA mostrou-se benéfica para crianças com SD, de acordo com estudos nacionais e internacionais revisados e demonstrou-se melhoras em várias áreas, incluindo comportamento, habilidades cognitivas, habilidades motoras, comunicação e aspectos emocionais. Os autores dos trabalhos também concordam que a presença de animais em sessões terapêuticas cria um ambiente acolhedor e estimulante que aumenta a motivação, a interação social, a autoestima e o desenvolvimento da comunicação e linguagem, tornando-se uma opção valiosa para apoiar o bem-estar de crianças com SD (Breitenbach et al., 2009; Chaves & Almeida, 2018; Griffioen & Enders-Slegers, 2014; Hack & Santos, 2017; Santos, 2019; Satiansukpong et al., 2016).

OS EFEITOS DA TERAPIA ASSISTIDA COM ANIMAIS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Segundo a *American Psychiatric Association* (APA, 2023), o TEA é caracterizado pelo comprometimento na comunicação e interação social em diversos contextos, apresentando déficits na reciprocidade socioemocional, em comportamentos não-verbais, e no desenvolvimento e compreensão acerca de relacionamentos, além de comportamentos e interesses repetitivos e restritos manifestados por meio de movimentos motores estereotipados, inflexibilidade à mudança de rotinas, hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais. Para fechar os critérios para o TEA, esses sintomas devem aparecer no período de desenvolvimento inicial e causar prejuízos significativos no prejuízo social, ou em outras áreas importantes para seu funcionamento, não sendo melhor explicado pelo transtorno do neurodesenvolvimento intelectual ou atraso global do desenvolvimento. A prevalência média global do TEA é de 0,62%, sendo três vezes mais prevalente em homens em comparação a mulheres (DSM-5 – TR; American Psychiatric Association [APA], 2023). Sua etiologia permanece desconhecida, e acredita-se que seja uma interação ligada a fatores ambientais, genéticos, imunológicos e neurológicos (Canut et al., 2014).

Atualmente existem diversos manejos terapêuticos para o tratamento do TEA visando a diminuição dos impactos ocasionados pelos sintomas do transtorno e a melhora no âmbito comportamental, cognitivo e linguístico da criança (Reichow, 2012; Warren et al., 2011). Nesse âmbito destaca-se a utilização da Intervenção Assistida por Animais – IAA ou TAA como ferramenta auxiliar à psicologia clínica com o objetivo de promover saúde (Cirulli et al., 2011; Marinho & Zamo, 2017; Nogueira & Nobre, 2015), onde o animal entra como facilitador das interações sociais, visto que é uma área diretamente afetada pelo transtorno (Mendonça et al., 2014).

Para Oliveira et al. (2013), a Equoterapia é um exemplo de TAA que traz resultados positivos para crianças com TEA pois auxilia no desenvolvimento de mecanismos perceptivos, cognitivos, proprioceptivos, além de estimular a sensibilidade visual e auditiva, bem como a socialização com o animal, equipe e demais participantes. Os autores também corroboram com os estudos da Equoterapia relacionando os movimentos e passos do equino no trajeto à efeitos significativos para criança pois proporciona diferentes

informações ao corpo como estímulos sensoriais, ativação e modulação neuronal resultando em um maior bem-estar psicológico e melhora significativa na autoestima, concentração e socialização.

Segundo Fiório et al. (2013), a Cinoterapia também apresenta benefícios satisfatórios nesse transtorno, pois o cão, animal utilizado nessa terapia, estimula as relações cognitivas e sociais, além de auxiliar na diminuição de depressão e ansiedade, proporcionando um ambiente menos estressante de forma a estimular a criança a realizar as atividades que necessita.

Desta forma, um estudo qualitativo brasileiro foi desenvolvido a partir de um projeto de Terapia Assistida com Cães denominado Projeto Focinhos Terapeutas, em Maceió/AL. As crianças escolhidas tinham que ter participado no mínimo um mês do projeto, ou seja, quatro sessões de terapia que englobava coordenação motora, afeto, linguagem, atenção, concentração e equilíbrio. Os cães participantes do projeto eram de médio e grande porte da raça *golden retriever* e foram acompanhados por um veterinário no processo de treinamento e adaptação. Após os critérios de exclusão, a amostra de sujeitos da pesquisa foi de 10 pais ou responsáveis por crianças entre três e 10 anos diagnosticadas com TEA cadastradas no projeto e as informações foram obtidas a partir de entrevistas semiestruturadas que incluíam questões sobre benefícios físicos, sociais e psicológicos, comportamento antes e após a terapia, interação com outras crianças e comunicação em casa (Nascimento et al., 2019).

A partir da percepção dos pais e responsáveis observou-se que a Cinoterapia é benéfica para crianças com TEA, com melhoras significativas no aumento de coordenação motora e equilíbrio, diminuição da ansiedade, fortalecimento do relacionamento afetivo e melhora nas interações sociais e comunicação. Resultados que corroboram com o estudo de Dotti (2014), que cita os benefícios emocionais da Terapia com Animais como a troca de afeto, amor incondicional, naturalidade das sensações de carinho. Desta forma, a utilização de cães no cuidado de crianças com TEA se mostra uma abordagem promissora visto que os participantes constataram enxergar a terapia assistida por cães como uma ferramenta no fortalecimento do progresso da criança com dificuldades significativas na comunicação e interação social.

Já outro artigo, realizado a partir de uma revisão integrativa, buscou estudos originais elaborados em português e publicados entre 2009–2019 que abordassem a terapia assistida por animais com crianças e o transtorno autístico, contemplando uma amostra de 10 artigos. Gomes et al. (2020) apontam que a Equoterapia pode ser uma intervenção adequada para pessoas com TEA, identificando melhorias no nível de gravidade de alguns sintomas associados ao transtorno após a realização de um programa de equitação terapêutica de 6 meses. Os autores também destacam que a intervenção com o cavalo leva a maiores mudanças no funcionamento social, podendo possibilitar um funcionamento mais efetivo dessas crianças em casa, na escola e em outros contextos.

Estudos com cães também indicaram benefícios para as crianças, nesse caso relacionados com a diminuição de comportamentos problemáticos, estresse, e aumento da comunicação e interação do paciente. A interação de crianças com distúrbios do espectro do autismo com golfinhos a partir de um estudo realizado por Salgueiro et al. (2012), mostrou que mesmo apresentando efeitos mais discretos, foram significativos visto que houve melhoras no desenvolvimento motor fino, verbal e cognitivo das crianças. Reitera-se que os animais podem melhorar diferentes aspectos da vida e dos comportamentos das crianças com autismo, como a autonomia, autossuficiência, comunicação e independência, e as atividades envolvendo-os contribui para facilitar a interação social

dessas crianças aumentando sua autoestima e promovendo um aumento da atenção, concentração e habilidades para diversos contextos (Oliveira et al., 2016).

Um estudo de caso, foi relatado por Hister et al. (2015), com uma criança de sete anos, gênero masculino e com diagnóstico de autismo desde os cinco anos de idade. Para a avaliação do paciente foi utilizado o método *Teacch I* – validado: Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação selecionado e avaliadas as áreas de desenvolvimento perceptivo, percepção auditiva, desenvolvimento da motricidade, desenvolvimento e compreensão verbal e área emocional, afetiva e social, aplicado antes do início e ao final do tratamento com a Equoterapia, totalizando quatro meses e 15 atendimentos realizados. As sessões eram feitas uma vez por semana, com duração de 30 minutos, no Centro de Equoterapia Escola de Sargentos das Armas – CEEASA, no município de Cruz Alta/RS.

Diante disso, a Equoterapia revelou ser um organizador potente do comportamento da criança autista, demonstrando manifestações de autoconfiança, capacidade, e comportamentos esses imprescindíveis para o desenvolvimento de uma vida estável, assim sendo colaborativa no processo de reabilitação ativa do indivíduo participando de seu crescimento e desenvolvimento.

Ainda, um estudo de caso de validação clínica usou-se de medidas de avaliação pré e pós-intervenção, sendo a Equoterapia como variável independente e comportamentos característicos do TEA, como variáveis dependentes. Foram selecionadas para a pesquisa, sete crianças na faixa etária de quatro a nove anos, sendo quatro diagnosticadas como autistas e três portadores de distúrbios autistas atípicos. Utilizou-se de registros contínuos das sessões, fichas de registro de comportamentos observados e fichas de avaliação padrão da Associação de Amigos dos Autistas – AMA, sendo realizada uma sessão de meia hora por semana, durante dois semestres. E então, foi concluído que ocorreram mudanças expressivas na postura corporal ou gestos para iniciar ou modular a interação social, obedecer a ordens simples, a percepção, exploração e relacionamento com o animal, a iniciativa própria durante as sessões. Com relação aos demais comportamentos como as estereotipias e estado de excitação percebeu-se uma sensível diminuição (Freire et al., 2005).

Diferente de outros estudos, Santos et al. (2020) apresentam uma pesquisa que teve como objetivo, relatar sobre a terapia assistida por animais em crianças autistas atendidas pelo Centro de Atendimento Clínico do Instituto de Psicologia – CAPSi da Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU. O estudo foi realizado com cinco participantes autistas, escolhidos pelos profissionais do CAPSi e com aproximadamente dez aves jovens (pintinhos) como espécie terapeuta. Os encontros de TAA foram efetivados uma vez por semana com duração de uma hora, durante quatro meses. A TAA com pintinhos proporcionou resultados favoráveis perante o aspecto do comportamento familiar e social de crianças autistas atendidas por profissionais da psicopedagogia, ajudando na aprendizagem e fornecendo melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

Diante do exposto, conclui-se que a TAA apresenta benefícios significativos para as crianças com TEA que utilizam esse manejo terapêutico em diversos âmbitos como na aprendizagem, interação social, concentração, comunicação, afeto, coordenação motora e diminuição da ansiedade, entretanto esse tipo de intervenção ainda carece de pesquisas para fortalecer a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A TAA tem recebido reconhecimento significativo por seus potenciais benefícios terapêuticos para crianças com diversas patologias, dentre elas a SD e o Autismo, favorecendo o desenvolvimento integral do sujeito, as relações emocionais, as trocas sociais e afetivas, utilizando o animal como mediador desta intervenção.

Percebe-se, pelas pesquisas e experiências, que estar ao lado de um animal é favorável para a vida das pessoas, uma vez que estes são afetivos, companheiros e cuidadores, além de proporcionarem empatia nas crianças são um estímulo para que elas se movimentem, comuniquem-se e sintam prazer no momento em que se envolvem, oferecendo oportunidades de benefícios motivacionais, recreativos, educacionais e terapêuticos para melhorar a qualidade de vida, sendo realizadas em diferentes ambientes por profissionais especialmente qualificados.

Considera-se que a pesquisa foi válida, no sentido de aprofundar reflexões sobre o tema, o que evidencia o objetivo proposto. Há a necessidade e importância de estudos atuais, neste caso, referente a TAA e sua relação e resultados desta intervenção, observando instrumentos apropriados e formas padronizadas de terapia para fornecer evidências de maior qualidade em estudos adicionais. É fundamental reforçar cursos e formações em TAA em programas de saúde, educação, psicologia e áreas afins, intensificando suas práticas de forma consciente para consolidar a evidência destas intervenções.

CONTRIBUIÇÃO AUTURAL

Concepção do estudo: ITC, PGT, RPC, JL; **coleta de dados:** ITC, PGT, RPC, JL; **análise dos dados:** ITC, PGT, RPC, JL; **redação do manuscrito:** ITC, PGT, RPC, JL; **revisão crítica para conteúdo intelectual importante:** ITC, PGT, RPC, JL.

REFERÊNCIAS

- Althausen, S. (2006). *Adolescentes com síndrome de down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção* [Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo]. Repositório Institucional. <https://doi.org/10.11606/D.47.2006.tde-13092006-154744>.
- American Psychiatric Association. (2023). *DSM-V TR: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed.
- Baratieri, T., Soares, L. G., Botti, M. L., & Campanini, A. C. (2014). Consulta de enfermagem em puericultura: um enfoque nos registros de atendimentos. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(1), 206-216. <https://doi.org/10.5902/217976928553>.
- Barros, L. F. (2019). *Possíveis benefícios psicomotores que a cinoterapia proporciona às pessoas com síndrome de down* [Monografia de graduação, Escola de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto]. Repositório Institucional. <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/2324>.
- Brancher, V. R., Medeiros, B. A., & Machado, F. C. (Orgs.) (2019). *Caminhos possíveis à inclusão II: educação especial: novos prismas*. Appris. (Vol. 1).
- Breitenbach, E., Stumpf, E., Fersen, L. V., & Ebert, H. V. (2009). Dolphin-assisted therapy: changes in interaction and communication between children with severe disabilities and their caregivers. *Anthrozoös*, 22(3), 277-289. <https://doi.org/10.2752/175303709X457612>.
- Bueno, A. P., & Oliveira, F. S. (2017). A terapia assistida por cães e sua repercussão no acolhimento institucional infantil. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2017/pdf/12_03.pdf.

- Canut, A. C. A., Yoshimoto, D. M. R., Silva, G. S., Carrijo, P. V., Gonçalves, A. S., & Silva, D. O. F. (2014). Diagnóstico precoce do autismo: relato de caso. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília*, 33(1), 31-37. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rmsbr/article/view/4254>.
- Chaves, L. O., & Almeida, R. J. (2018). Os benefícios da equoterapia em crianças com síndrome de Down. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 26(2), 153-159. <https://doi.org/10.31501/rbcm.v26i2.6873>.
- Cirulli, F., Borgi, M., Berry, A., Francia, N., & Alleve, E. (2011). Animal-assisted interventions as innovative tools for mental health. *Annali dell'Istituto Superiore di Sanita*, 47(4), 341-348. https://doi.org/10.4415/ANN_11_04_04.
- Corrêa, T. M., Gonçalves, L. C. O., Magalhães Neto, A. M., & Melo, A. R. C. (2020). O cão como coterapeuta e os cuidados para a sua atuação em ambiente hospitalar. *Europub Journal of Animal and Environmental Research*, 1(1), 2-27. <https://doi.org/10.54748/ejaerv1n1-001>.
- Dotti, J. (2014). *Terapia e animais*. Livrus.
- Ferreira, A. P. S., & Gomes, J. B. (2017). Levantamento histórico da terapia assistida por animais. *Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico*, 3(1), 71-92. Recuperado em 26 de março de 2026, de https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/82/1599487187_rq0maL6L9VR9IEj.pdf.
- Fiório, F. B., Anjos, M. C. M., Menegazzo, A. D., & Souza, V. S. W. (2013). Influência da cinoterapia e perfil do animal durante exercícios fisioterapêuticos: um estudo de caso. *Revista FisiSenectus*, 1(Ed esp), 126. <https://doi.org/10.22298/rfs.2013.v1.n0.1768>.
- Freire, H. B. G., Andrade, P. R., & Motti G. S. (2005). Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. *Multitemas*, (32), 55-66. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/709>.
- Gomes, E. S., Vieira, I. S., Silva, K. F., Teixeira, T. K. S., Mesquita, K. S. F., & Melo, G. B. (2020). Desenvolvimento das habilidades sociais em crianças autistas que possuem contato com animais. *Caderno de Graduação: Ciências Biológicas e da Saúde*, 6(2), 101-113. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/view/7493>.
- Griffioen, R. E., & Enders-Slegers, M.-J. (2014). The effect of dolphin-assisted therapy on the cognitive and social development of children with down syndrome. *Anthrozoös*, 24(4), 569-580. <https://doi.org/10.2752/089279314X14072268687961580>.
- Hack, A. A. C., & Santos, E. P. (2017). Cães terapeutas: a estimulação de crianças com síndrome de down. *Unoesc e Ciência – ACHS*, 8(2), 151-158. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/13190>.
- Hister, A., Vidal, L. R., Cunha, A. A., Kohl, L. M., & Costa, L. P. D. (2015). Efeitos da Equoterapia na síndrome de autismo: um estudo de caso. [Anais do] XX Seminário Interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão (pp. 1-4). Universidade de Cruz Alta. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2015/XX%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202015%20-%20ANAIS/Graduacao/Graduacao%20-%20Resumo%20Expandido%20-%20Ciencias%20Biologicas%20e%20da%20Saude/EFEITOS%20DA%20EQUOTERAPIA%20NA%20SINDROME%20DE%20AUTISMO%20UM%20ESTUDO%20DE%20CASO.pdf>.
- Janaína, H., Rocha, L., Kalane, M., Lima, W., & Carvalho, L. (2017). *Intervenção fisioterapêutica na síndrome de down*. Recuperado em 26 de março de 2026, de <https://pt.scribd.com/document/55002412/Sindrome-de-Down>.
- Kobayashi, C. T., Ushiyama, S. T., Fakihi, F. T., Robles, R. A. M., Carneiro, I. A., & Carmagnani, M. I. S. (2009). Desenvolvimento e implantação de terapia assistida por animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(4), 632-636. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000400024>.
- Marinho, J. R. S., & Zamo, R. S. (2017). Terapia assistida por animais e transtornos do neurodesenvolvimento. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(3), 1063-1083. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000300015&lng=pt&lng=pt.
- Mattos, B. M., & Bellani, F. (2010). *A importância da estimulação precoce em bebês portadores de síndrome de down: revisão de literatura* [Anais do] XIII Congresso Estadual das APAEs.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (pp. 1-13). Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://www.tecnoevento.com.br/eve9/arq/A%20IMPORTANCIA%20DA%20ESTIMULACAO%20PRECOCE%20EM%20BEBES%20PORTADORES%20DE%20SINDROME%20DE%20DOWN.pdf>.

- Mello, D. F., Henrique, N. C. P., Pancieri, L., Veríssimo, M. L. Ó. R., Tonete, V. L. P., & Malone, M. (2014). Child Safety from the perspective of essential needs. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 22(4), 604-610. <https://doi.org/10.1590/0104-1169.3651.2458>.
- Mendonça, M. E. F., Silva, R. R., Feitosa, M. J. S., & Peixoto, S. P. L. (2014). A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Caderno de Graduação, Ciências Biológicas e da Saúde*, 2(2), 11-30. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://periodicos.set.edu.br/cdgsaude/article/view/1372>.
- Ministério da Saúde (BR). (s.d.). "Não deixe ninguém para trás": dia internacional da síndrome de down: 2019 [Notícias]. *Biblioteca Virtual em Saúde*. <https://bvsmis.saude.gov.br/?p=2916>.
- Mota, A. A. C., Rocha, M. F. B. F., Batalha, D. F., & Pinho A. M. (2021). Terapia assistida por animais: novas possibilidades para um cuidar em psicologia. *ID on line Revista Multidisciplinar de Psicologia*, 15(55), 575-594. <https://doi.org/10.14295/online.v15i55.2694>.
- Motti, G. S. (2007). *A prática da equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade* [Dissertação de mestrado não publicada]. Faculdade de Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco.
- Mustard, J. F. (2009). Early human development equity from the start Latin America. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 7(2), 639-680. <https://doi.org/10.11600/rlcsnj.7.2.188>.
- Nascimento, S. H. C., Morero, J. A. P., Bragagnollo, G. R., Castro, R. A. S., Guimarães, M. N., Gama, G. A., Santos, I. M. S., & Santos, T. S. (2019). Benefícios da terapia assistida com cães no autismo infantil. *Jornal de Ciências Biomédicas e Saúde*, 4(3). Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de https://www.researchgate.net/publication/337316121_BENEFICIOS_DA_TERAPIA_ASSISTIDA_COM_CAES_NO_AUTISMO_INFANTIL_BENEFITS_OF_DOG_ASSISTED_THERAPY_IN_CHILD_AUTISM.
- Nogueira, M. T. D., & Nobre, M. O. (2015). Terapia assistida por animais e seus benefícios. *PubVet*, 9(9), 414-417. <https://doi.org/10.22256/pubvet.v9n9.414-417>.
- Oliveira, F. F. S., Oliveira, A. S. S., Lima, L. H. O., Marques, M. B., Felipe, G. F., & Sena, I. V. O. (2013). Consulta de puericultura realizada pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. *Revista Rene*, 14(4), 694-703. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://www.redalyc.org/pdf/3240/324028459005.pdf>.
- Oliveira, G. R., Ichitani, T., & Cunha, C. M. (2016). Atividade assistida por animais: efeitos na comunicação e interação social em ambiente escolar. *Distúrbios da Comunicação*, 25(4), 759-763. Recuperado em 26 de janeiro de 2026, de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/28017>.
- Prianti, S. M., & Cabanas, A. (2007). *A psicomotricidade utilizando a terapia assistida por animais como recurso em adolescente down: um estudo de caso*. In [Anais do] XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação (pp. 1736-1739). Universidade do Vale do Paraíba. Recuperado em 26 de março de 2026, de https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/saude/epg/EPG00136_01C.pdf.
- Reed, R., Ferrer, L., & Villegas, N. (2012). Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 20(3), 612-618. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692012000300025>.
- Reichow, B. (2012). Overview of meta-analyses on early intensive behavioral intervention for young children with autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 42, 512-520. <https://doi.org/10.1007/s10803-011-1218-9>.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa [Editorial]. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Salgueiro, E., Nunes, L., Barros, A., Maroco, J., Salgueiro, A. I., Santos, M. E. (2012). Effects of a dolphin interaction program on children with autism spectrum disorders: an exploratory research. *BMC Research Notes*, 5, 199. <https://doi.org/10.1186/1756-0500-5-199>.

- Santos, N. M. G. (2019). *Efeitos da equoterapia para portadores de síndrome de down* [Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília]. Repositório Institucional. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/13869>.
- Santos, R. F., Lima, A. M. C., Souza, M. A., Silva, H. O., Silva, T. L., Pires, B. C., Bastos, C. R., Castro, I. P., Araújo, C. E., Ferreira, F. S., Moraes, J. G. N., Vasconcelos, R. Y. G., & Veríssimo, S. (2020). Terapia assistida por animais (TAA) em crianças com transtorno do espectro autista atendidas pelo centro de atenção psicossocial. *Research, Society and Development*, 9(9), e955998060. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8060>.
- Satiansukpong, N., Pongsaksri, M., & Sasat, D. (2016). Thai Elephant Assisted Therapy Programme in children with down syndrome. *Occupational therapy international*, 23(2), 121-131. <https://doi.org/10.1002/oti.1417>.
- Sato, R., Fujiwara, T., Kino, S., Nawa, N., & Kawachi, I. (2019). Pet ownership and children's emotional expression: propensity score-matched analysis of longitudinal data from Japan. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(5), 758. <https://doi.org/10.3390/ijerph16050758>.
- Selly, P. B. (2014). *Connecting animals and children in early childhood*. Redleaf Press.
- Shonkoff, J. P., Garner, A. S., Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, & Committee on Early Childhood, Adoption, and Dependent Care, & Section on Developmental and Behavioral Pediatrics. (2012). The lifelong effects of early childhood adversity and toxic stress. *Pediatrics*, 129(1), e232-e246. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-2663>.
- Vaccari, A. M. H., & Almeida, F. D. A. (2007). A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. *Einstein*, 5(2), 111-116. Recuperado em 26 de março de 2026, de https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/146/1599863381_SmL6yv9RABZZ4bV.pdf.
- Wanser, S. H., Vitale, K. R., Thielke, L. E., Brubaker, L., & Udell, M. A. (2019). Spotlight on the psychological basis of childhood pet attachment and its implications. *Psychology research and behavior management*, 12, 469-479. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S158998>.
- Warren, Z., McPheeters, M. L., Sathe, N., Foss-Feig, J. H., Glasser, A., Veenstra-Vanderweele, J. (2011). A systematic review of early intensive intervention for autism spectrum disorders. *Pediatrics*, 127(5), e1303-e1311. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-0426>.
- Zamarra San Joaquín, M. (2002). Terapia asistida por animales de compañía. Bienestar para el ser humano. *Temas de hoy*, 1(4), 143-149. Recuperado em 21 de março de 2026, de https://patastherapeutas.com.br/pesquisas/data/files/67/1599486358_uoBrTbF3xMKqoZo.pdf.

FICHA TÉCNICA

Editor-chefe: Layla Raquel Silva Gomes

Editor assistente: Layla Raquel Silva Gomes

Editor associado: Mabel Krieger

Secretaria editorial: Cláudio Kazuo Akimoto Junior

Coordenação editorial: Andrea Hespanha

Consultoria e assessoria: Oficina de Ideias